

RESSIGNIFICAÇÃO, SUBSTANTIVO FEMININO: LA LLORONA E O FEMINISMO CHICANO DE ANA CASTILLO

Danielly Cristina Pereira Vieira
(UFPE/CNPq)

RESUMO

Considerada uma das principais vozes dentro da Literatura Chicana, Ana Castillo costuma explorar em suas obras aspectos relacionados às mulheres com descendência mexicana, principalmente através das questões de gênero, raça e classe. Nessa perspectiva, a autora defende a Xicanisma, isto é, o Feminismo Chicano, como ferramenta para lidar com as opressões cruzadas que as mulheres mexicanas-americanas enfrentam. Assim, em sua obra *So far from God* (1993), Ana Castillo trabalha diversas situações nas quais a Xicanisma pode ser vista, como, por exemplo, na ressignificação do mito de La Llorona. Desse modo, o nosso objetivo é analisar o entendimento e reinterpretação feita pela personagem Sofia acerca do mito de La Llorona. Para isso, serão utilizadas referências que abordam das origens desse mito aos seus principais desdobramentos, em paralelo com teorias do Feminismo Chicano que sustentam a ressignificação apresentada na obra. Desse modo, constatamos que a escritora utiliza da Xicanisma para seguir difundindo as tradições mexicana e ameríndia herdada, mas voltando o olhar não para as gerações passadas, e sim para a próxima geração de mulheres chicanas, sendo, para isso, crucial a desconstrução de certos estereótipos que negativizam a imagem feminina propagadas por mitos como o de La Llorona.

Palavras-chave: Literatura Chicana, Xicanisma, La Llorona, mulher.

Durante a maior parte da nossa história, a humanidade se questionou com relação ao mito (PATAI, 1972). Especificadamente a busca por sua definição abriu um leque de possibilidades interpretativas que só foram possíveis quando o indivíduo deixa de aceitar a natureza do mito como algo inquestionável, desvencilhando-se do seu “círculo mágico” (PATAI, p.19, 1972). Essa investigação, levou o teórico Raphael Patai (1972, p.13) a definir o mito como um instrumento “que opera validando leis, costumes, ritos, instituições e crenças, ou explicando situações socioculturais ou fenômenos naturais e que assumem a forma de histórias, que se acreditam verdadeiras, acerca de seres divinos e heróis”. Para além disso, o estudioso afirma que “novos mitos criam novos padrões socioculturais e,

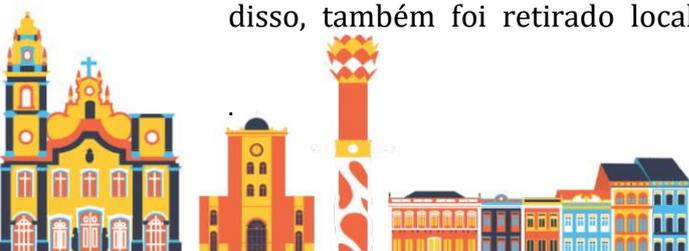


inversamente, novos costumes e novas situações sociais criam novos mitos” (PATAI, 1972, p.14), destacando o intercruzamento entre o mito e a as normas sociais.

No caso do mito de La Llorona, defende-se que novas estruturas sociais o reinterpretam, apresentando essa imagem importantíssima da cultura latina não mais enquanto uma figura cruel justamente condenada, mas como uma representação da realidade de muitas mulheres dessa cultura que, de um lado, sofrem com a imposição de estereótipos dualistas e, por outro, encontram-se, muitas vezes, em posição de desespero e abandono. Essa ressignificação mítica é bastante comum tanto dentro do Feminismo Chicano, quanto na produção literária de escritoras chicanas, como é o caso de Ana Castillo. Isso ocorre, pois, se socialmente o mito de La Llorona é tomado de forma muito próxima a de uma verdade factual inquestionável, essas novas ressignificações buscam destrinchar as estruturas patriarcais da sociedade que orquestraram o surgimento, expansão e consolidação desse mito. Nesse processo, é importante destacar como, para ambos os lados, o mito de La Llorona é entendido como um artefato cultural valioso, importante e, por isso, influente, sendo justamente o seu poder de influência que gera a necessidade dentro do escopo do Feminismo Chicano de se buscar novas interpretações a fim de ressignificar a realidade que La Llorona representa que tanto se relaciona à realidade de inúmeras mulheres chicanas que vivem a sua sombra.

Além disso, Claude Lévi-Strauss (2010) destaca a necessidade de se entender o mito através de uma visão total, que abarque todos os seus acontecimentos, nas suas diferentes versões e não como uma sequência única e fechada. Portanto, antes de nos voltarmos para a ressignificação do mito de La Llorona realizada por Ana Castillo em sua obra *So far from God* (1993) relacionando esse movimento a sua Xicanisma, deve-se focar, primeiramente, no mito em si.

Em busca de encontrar a origem do mito de La Llorona, Fernando Horcasitas e Douglas Butterworth (1963) procuraram reconstituir o que seria o seu protótipo. Para isso, os pesquisadores se utilizam da mitocronologia, isto é, do levantamento de um vasto número de versões do mesmo mito afim de traçar a mais antiga. Dessas versões, foram retirados os elementos que não eram essenciais à história, os que apareciam em apenas um pequeno número de versões, os que existiam apenas em locais específicos e/ou apareciam apenas em versões confusas e fragmentadas. Além disso, também foi retirado localizações específicas, nomeação e características



incongruentes da protagonista. Por sua vez, os elementos incorporados obedeciam aos critérios: elementos frequentes em variadas versões do mito e presentes em diferentes localidades; elementos presentes em textos completos e confiáveis; elementos presentes desde a antiguidade, como os encontrados em textos do século XVI; dentre outros.

Fruto desse trabalho, segue abaixo a tradução das três versões prototípicas que foram reconstruídas por Fernando Horcasitas e Douglas Butterworth (1963):

Tipo 1. La Llorona era uma bela mulher indígena que tinha vários filhos ilegítimos. Quando seu amante a rejeitou, ela enlouqueceu e afogou seus filhos em um rio. Após sua morte, ela foi obrigada a procurá-los todas as noites. Hoje em dia ela aparece como um fantasma perto de lugares com água ou na rua, gritando e chorando, "Ay, mis hijos!" Ela é muito atraente, está vestida com uma túnica longa, branca e esvoaçante e tem cabelos longos caindo livremente até a cintura.

Tipo 2. La Llorona é uma bela mulher, que aparece à noite. Ela tem cabelo comprido e está vestida de branco. Os homens são atraídos por ela, a seguem, e ela os leva para lugares perigosos. Frequentemente, eles são encontrados mortos no dia seguinte.

E o terceiro tipo, uma fusão das duas anteriores, também foi estabelecida:

Tipo 3. La Llorona era uma bela índia que tinha vários filhos ilegítimos. Quando seu amante a rejeitou, ela enlouqueceu e afogou seus filhos em um rio. Após sua morte, ela foi obrigada a procurá-los todas as noites. Hoje ela aparece como uma bela mulher. Ela tem cabelo comprido e está vestida de branco. Os homens são atraídos por ela, a seguem, e ela os leva para lugares perigosos. Frequentemente, eles são encontrados mortos. (p.221-222) ¹

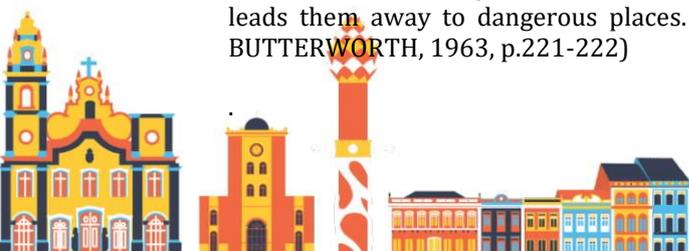
Esses protótipos bem resumem as principais características atribuídas a La Llorona nos diferentes locais nos quais o mito foi difundido. É percebido, então, que a tradição a descreveu como uma mulher cruel e vingativa que rompeu violentamente com a imagem padrão considerada ideal da mulher latina ao voltar-

¹ Type 1. La Llorona was a beautiful Indian woman who had several illegitimate children. When her lover rejected her she went out of her mind and drowned her children in a river. After her death she was compelled to search for them every night. Nowadays she appears like a ghost near watery places or on the streets, screaming and crying, "Ay, mis hijos!" She is very attractive, is dressed in a long, white, flowing robe has long hair hanging freely down to her waist.

Type 2. La Llorona is a beautiful woman, who appears at night. She has long hair and is dressed in white. Men are attracted to her, follow her, and she leads them away to dangerous places. Often they are found dead the next day.

A third type, a fusion of the first two, was also established:

Type 3. La Llorona was a beautiful Indian woman who had several illegitimate children. When her lover rejected her she went out of her mind and drowned her children in a river. After her death she was compelled to search for them every night. Nowadays she appears as a beautiful woman. . She has long hair and is dressed in white. Men are attracted to her, follow her, and she leads them away to dangerous places. Often they are found dead the next day. (HORCASITAS; BUTTERWORTH, 1963, p.221-222)



se contra o matrimônio, contra a maternidade, contra a família e contra a comunidade latina.

Apesar dessa e de outras pesquisas semelhantes, a origem do mito de La Llorona permanece incerta, sobre a qual acredita-se ser tão antiga quanto a civilização asteca. Ao voltar-se para essa época, alguns estudiosos e estudiosas recuperam algumas variantes que teriam se desdobrado no mito de La Llorona. Michael Kearney (1969), por exemplo, destaca o mito de Matlaziwa que, de tão parecido, frequentemente é igualado ao de La Llorona. Carmen Iñiguez (2007), por sua vez, associa La Llorona como um desdobramento da deusa Cihuacoatl. Em similar perspectiva, Stella Tapia e Gabriel Argëlles (2009) enfatizam como essas versões pré-hispânicas foram difundidas oralmente, as quais estavam registradas primeiro na memória coletiva, inclinando-se para uma origem tolteca que, com a invasão Espanhola, foram mescladas com a herança trazida tanto da mitologia greco-romana, quanto judaico-cristã. Haveria sido, portanto, com essa mescla que a figura de La Llorona, como a conhecemos atualmente, teria se constituído. Do ponto de vista literário, Ana Castillo apresenta uma reflexão convergente:

A terra era velha e as histórias eram mais antigas. Assim como um país mudou de nome, os nomes de suas lendas também mudaram. Uma vez, La Llorona pode ter sido matlaciuatl, os deuses do Mexica que, segundo se dizia, atacavam homens como um vampiro! Ou ela poderia ter sido Ciuapipiltin, a deusa em mantos que roubavam bebês de seus berços e deixou em seu lugar uma lâmina de obsidiana, ou Cihuacoatl, o patrono de mulheres que morreram durante o parto, que todos acordaram, choraram e gemeram no ar noturno. Essas mulheres desceram à terra em certos dias que lhes eram dedicados a aparecer na encruzilhada e eram fatais para as crianças. (CASTILLO, 1993, p.161 [tradução nossa])²

Nesse fragmento, Castillo disserta justamente sobre como, com o passar do tempo, as histórias, ao serem contadas, se transformaram, salientando como La Llorona pode descender de história e deusas antigas. Nesse contexto, associam La Llorona com um dos oito presságios que teriam anunciado a invasão espanhola: o

² The land was old and the stories were older. Just like a country changed its name, so did the names of their legends change. Once, La Llorona may have been Matlaciuatl, the goddess of the Mexica who was said to prey upon men like a vampire! Or she might have been Ciuapipiltin, the goddess in flowing robes who stole babies from their cradles and left in their place an obsidian blade, or Cihuacoatl, the patron of women who died in childbirth, who all wailed and wept and moaned in the nights air. These women descended to earth on certain days which were dedicated to them to appear at crossroads, and they were fatal to children. (CASTILLO, 1993, p.161)



som de choro angustiado que teria sido ouvido durante várias noites em busca de seus filhos. Além disso, segundo Stella Tapia e Gabriel Argëlles (2009), quando La Llorona é apresentada como uma mulher indígena que dá à luz a crianças mestiças, essas se tornam o símbolo da nova nação. Sendo assim, o ato de assassiná-las poderia indicar uma reação de rejeição à mestiçagem que negaria a própria identidade mestiça que mostrava-se ser já uma realidade irremediável, além de fomentar uma reação violenta contra as mulheres que geraram e pariram essa nova raça.

Assim, como destaca Carmen Iñiguez (2007), de modo geral, as figuras míticas desses tempos pré-hispânico e colonial seguem influenciando a mulher latina através de um comportamento estabelecido por eles. A estudiosa assinala a necessidade fundamental de se retornar às figuras mitológicas como a La Llorona, haja vista que esse mito específico em muito contribuiu na construção da imagem da mulher chicana ideal como sendo passiva, dominada e extirpada da sua identidade individual. Assim, o arquétipo, influenciado pela visão maniqueísta judaico-cristão trazida pelos invasores, cria uma imagem ideal de uma mulher unicamente dependente e silenciada contra a imagem marginalizada da mulher independente e traidora dos costumes latinos de família e comunidade.

No entanto, o que as feministas chicanas perceberam foi como a representação de La Llorona se assemelha a imagem da mulher desesperada, abandonada e sem condições de prover por seus filhos e como essa imagem continua sendo atual na cultura chicana. Essa percepção fez com que as feministas chicanas, em sua luta pela igualdade de gênero, econômica e política, trabalhassem para a modificação daqueles estereótipos que em muito foram influenciados pelo catolicismo.

Nessa perspectiva, Iñiguez (2007) salienta como o catolicismo, tão caro a cultura latina e chicana, contribuiu com a inferiorização das mulheres ao entregar uma base religiosa sexista que as posicionam em lugares unicamente domésticos enquanto mães e esposas. Ana Castillo (2014), disserta sobre como o Catolicismo moldou a identidade chicana incluindo o seu ativismo político. Essa influência teria forçado as mulheres chicanas a acreditarem que, enquanto mulheres, suas existências teriam o propósito de servir um Deus Pai. A partir daí, a institucionalização religiosa da espiritualidade transformou-se na chave da



opressão espiritual que fortaleceu a repressão das mulheres através da mimetização dos homens com a figura divina.

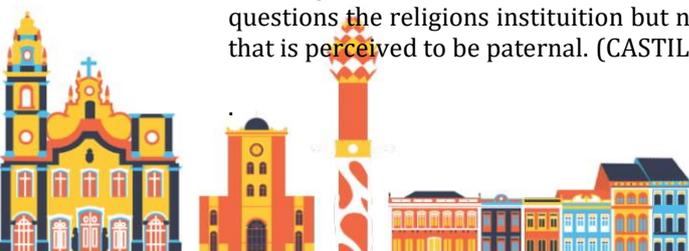
Para a Xicanista, o patriarcado, o capitalismo e a etnia continuam trabalhando juntos. [...] No entanto, por causa da visão tradicional de Deus como homem, a comunidade xicanista percebe o homem como superior. Os mexicanos adoram a Virgem, mas ela tem seu lugar. Não é uma percepção que vem com ideias baseadas na justiça ou mesmo na realidade. É sobre como a fé transforma a cultura, e a fé transmitida forma tradições. Como Maria afirmou acima sobre uma mulher que obtém conscientização e questiona sua religião: “Não acho que Deus gostaria que eu estivesse na posição em que me encontro”. A Xicanista questiona a instituição religiosa, mas não necessariamente a existência de uma entidade suprema que tudo vê e é percebida como paterna. (CASTILLO, 2014, p.52 [tradução nossa])³

Nessa perspectiva, independente da sua posição política, o Catolicismo continua sendo um pilar importante nas vidas das mulheres chicanas já que, mesmo as que rejeitam as estruturas intolerantes da Igreja Católica não conseguem automaticamente se desvencilhar do poder dessa na cultura chicana e na própria fé.

Para lidar com essa perspectiva ambivalente, Ana Castillo (2014) apresenta a sua Xicanisma. Inicialmente, Castillo (2014) destaca, dentro do feminismo, o fenômeno conhecido como Primeiras Vozes, que buscou resgatar as vozes das mulheres silenciadas e excluídas da sociedade. Para isso, Castillo (2014) enfatiza como as mulheres latinas, ameríndias e chicanas precisaram realizar um trabalho de escavação da sua ancestralidade, já que as perspectivas indígenas foram sistematicamente omitidas da educação formal. Castillo (2014), então, disserta sobre como a história da cultura ancestral em muito explica o processo de negativização e subordinação da mulher:

Quatro a cinco mil anos atrás, a humanidade começou a se afastar do princípio feminino. Enquanto todos tinham masculino e feminino por dentro, apenas o masculino podia reinar. Entre aqueles que se identificam como chicano e chicana, observamos nossa herança indígena em busca de uma possível conexão feminina. Todas as sociedades primitivas parecem produzir traços de

³ For the Xicanista, patriarchy, capitalismo, and ethnicity continues to work together. [...] However, because of the traditional view of God as male, the Xicanista’s community perceives man as the superior. Mexicans adore the Virgin but she has her place. It isn’t a perception that comes with ideas based on fairness or even reality. It is about how faith transformsn culture, and faith passed on forms traditions. As María stated above about a woman who obtains conscientización and questions her religion, “I don’t think God would like me to be in the position that I find myself.” The Xicanista questions the religions institution but not necessarily the existence of an all-seeing supreme entity that is perceived to be paternal. (CASTILLO, 2014, p.52)



adoração à mãe. O povo asteca / mexicano também fez Tonantzin, Mãe Terra, adorada em colinas e montanhas. Iztaccihuátl, o vulcão perto de Pueblo, era outra versão da mãe. As deusas do panteão Mexíca foram transformadas em várias facetas - de numinosas a uma versão terrena ou masculina. Como o Ixcuiname - as quatro irmãs - deusas do sexo - cada uma representava uma fase da lua com seu próprio significado.

No entanto, é imperativo entender que o Império Asteca no século XIV na época da Conquista estava firmemente entrincheirado em uma falocracia. Com a conquista, o militante Mexíca transformou Coatlicue (outra versão da Mãe) em uma força horrível e hostil. O aspecto da morte do poder dual da Mãe - fertilidade e morte - assumira o controle. Em volta do pescoço, um colar de corações e mãos de homens simbolizava sua sede insaciável de sacrifício humano. Lembre-se de que a imagem de Coatlicue foi criada no contexto de um imperialismo guiado pela guerra e conquistado. Enquanto Coatlicue, como todas as deusas ferozes das culturas antigas, é o favorito das feministas, historicamente falando, aqui é o momento em que o poder criativo da mulher se tornou deliberadamente apropriado por um império militar movido pelo poder. Mulher em carne, a partir de então, foi subordinada. (p.10-11 [tradução nossa])⁴

De forma teórica, Ana Castillo (2014), no fragmento acima, retoma o que ela explicitou no fragmento literário anterior, acerca de como a transformação cultural construiu uma imagem da mulher que trabalhou para subordiná-las, imagem esta, como já visto, propagada também pela cultura hispânica e católica. Contra essa perspectiva, Castillo (2014) fala sobre como o caminho para que a mulher chicana se afaste desse local de exclusão e inferiorização na qual ela é colocada é o pragmatismo, o equilíbrio e a autoidentidade, pilares da sua Xicanisma.

⁴ Four to five Thousand years ago, humanity began shifting away from the feminine principle. While all had masculine and feminine within, only the masculine was allowed to reign. Among those who identify as Chicano and Chicana, we have looked to our indigenous heritage in search of a possible feminine connection. All early societies seem to yield traces of Mother worship. The Aztec/Mexíca people did as well. Tonantzin, Mother Earth, was worshipped on hills and mountains. Iztaccihuátl, the volcano near Pueblo, was another version of Mother. The goddesses of the MEXíca pantheon were transformed into various facets – from being numinous to an earthly or male version. Like the Ixcuiname – the four sisters – sex goddesses – each represented a phase of the moon with its own significance.

However, it is imperative to understand that the Aztec Empire in the fourteenth century at the time of the Conquest was firmly entrenched in a phallocracy. By the Conquest, the militant Mexíca transformed Coatlicue (another version of the Mother) into a ghastly, hostile force. The death aspect of the dual power of Mother – fertility and death – had taken over. Around her neck a necklace of men's hearts and hands was symbolic of her insatiable thirst for human sacrifice. Let's keep in mind that that image of Coatlicue was created in the context of a war-oriented, conquest-driven imperialism. While Coatlicue, like all fierce goddesses of ancient cultures, is a favorite of feminists, historically speaking, here is the juncture where the creative power of woman became deliberately appropriated by a military power-driven empire. Woman in the flesh, thereafter, was subordinated. (CASTILLO, 2014, p.10-11)



Uma distinção crucial entre os rótulos que recebemos dos funcionários do estado e nosso próprio processo de nomeação é que apenas esse último serve para nós. O próprio ato de autodefinição é uma rejeição à colonização. Para descrever com mais precisão o que buscamos, talvez possamos recorrer a outra divindade feminina daquela época, Moyocoyotzin: Ela que inventa a si mesma. (p.11 [tradução nossa])⁵

Pensando como Moyocoyotzin, a que se inventa, Castillo (2014) defende a retomada da própria identidade pelas mulheres chicanas. Nessa perspectiva, uma Xicanista católica pode seguir na sua crença, mas pode não enxergar Maria dentro da sua posição secundária de mãe de Cristo, mas como uma sucessora de Tonantzin e Coatlicue, combinando suas crenças e forças espirituais e colocando a espiritualidade para atuar em favor das suas próprias necessidades (CASTILLO, 2014). Além disso,

Em um nível pragmático, a premissa básica da Xicanisma é reconsiderar o comportamento há muito visto como inerente ao caráter da mulher ameríndia mexicana, como paciência, perseverança, laboriosidade, lealdade ao clã e compromisso com nossos filhos. Ao contrário de quem não entende o feminismo, não rejeitamos essas virtudes. Esses traços frequentemente vistos como negativos e opressivos para as mulheres podem ser considerados pontos fortes. Simultaneamente, à medida que redefinimos (não rejeitamos categoricamente) nossos papéis em nossas famílias, comunidades em geral e na sociedade dominante, nossa conscientização nos ajuda a ser autoconfiantes e assertivos em relação à busca de nossas necessidades e desejos. (CASTILLO, 2014, p.37 [tradução nossa])⁶

Nesse contexto, o objetivo da Xicanisma seria uma compreensão de si ao integrar todos os fragmentos identitários da mulher chicana, com a confiança necessária para fortalecer sua cultura e prosperar dentro dela.

Portanto, como Xicanistas (não mais apenas trabalhadoras culturais, mas guerrilheiras culturais), devemos ser simultaneamente arqueólogas e visionárias de nossa cultura. Podemos contribuir com uma visão coletiva para o desenvolvimento de um sistema social alternativo. Nossos ancestrais indígenas mesoamericanos desenvolveram sociedades avançadas que rivalizavam com as dos gregos. Nosso legado foi praticamente destruído e

⁵ A crucial distinction between labels we have been given by officials of the state and our own self-definition is a rejection of colonization. To more accurately describe what we seek for ourselves perhaps we may turn to another female divinity of that era, Moyocoyotzin: She Who Invents Herself.

⁶ On a pragmatic level, the basic premise of Xicanisma is to reconsider behavior long seen as inherent in the Mexican Amerindian woman's character, such as patience, perseverance, industriousness, loyalty to one's clan, and commitment to our children. Contrary to those who don't understand feminism, we do not reject these virtues. These traits often seen as negative and oppressive to women may be considered strengths. Simultaneously, as we redefine (not categorically reject) our roles within our families, communities at large, and dominant society, our conscientización helps us to be self-confident and assertive regarding the pursuing of our needs and desires. (CASTILLO, 2014, p.37)



amplamente mantido fora do currículo educacional, mas podemos buscá-lo. De nossa origem indígena, podemos tirar exemplos para entender as possibilidades infinitas e as conexões de todas as coisas no reino que percebemos como o "universo". Nossa herança espanhola e sua dinâmica contínua em nossas vidas não apenas nos conectando com a ideologia eurocêntrica da sociedade dominante de todas as Américas, mas como mestiços, ela serve para conceder uma percepção sofisticada e complexa da sociedade dominante. (CASTILLO, 2014, p.226-227 [tradução nossa])⁷

É a partir desse reconhecimento que escritoras chicanas se voltaram para os seus mitos ancestrais, tal como o de La Llorona, a fim de reinterpretá-los de modo que eles se relacionem a sua realidade enquanto mulheres chicanas. No entanto, Ana Castillo (2014) tende a ir além ao discutir a própria mitologização das imagens femininas que foram imaginadas por homens, tendo suas criações pautadas nas necessidades dos homens poderosos, além de afirmar que a mitologia patriarcal foi forjada como uma forma direta de ataque à ideia da mulher enquanto criadora, inclusive antes das escrituras católicas.

Desse modo, em *So far from God* (1993), quando se refere ao mito de La Llorona, Ana Castillo não envereda pelo caminho traçado por outras escritoras chicanas que escolheram apresentar novas versões desse mito. Nessa obra, Castillo coloca sua Xicanisma na sua prática literária e questiona a mitologização dessa figura. Primeiramente, Castillo volta-se para a herança católica ao questionar: “Além disso, a Igreja ensinou que, quando as pessoas morrem, todas as almas precisam esperar o último dia do julgamento, então por que Llorona teve sua punição tão cedo?” (CASTILLO, 1993, p.160-161 [tradução nossa])⁸. Essa percepção é enfatizada na produção teórica de Castillo (2014) quando esta disserta sobre como uma mulher que transgredir o comportamento ideal imposto, seja ela Eva, Lilith ou La Llorona, nunca é apenas punida, mas condenada a sofrer sua punição pela eternidade. Percebe-se que tanto Castillo quanto Sofia, a personagem que faz aquela reflexão, é

⁷ Therefore, as Xicanistas (no longer just *obreras culturales pero huerrilleras culturales*) we must simultaneously be archaeologists and visionaries of our culture. We may contribute a collective vision toward the development of an alternative social system. Our Mesoamerican indigenous ancestors developed advanced societies that rivaled that of the Greeks. Our legacy has mostly been vanquished and is widely kept out of the educational curriculum but we can seek it out. From our indigenous background, we can draw examples to understand the endless possibilities and the connections of all things in the real world we perceive as the “universe”. Our Spanish heritage and its ongoing dynamic in our lives not only connects us with the Eurocentric ideology of dominant society of all of the Americas, but as mestizas it serves to grant a sophisticated and complex perception of dominant society. (CASTILLO, 2014, p.226-227)

⁸ Furthermore, the Church taught that when people die every soul must wait for the Final Day of Judgment, so why did the Llorona get her punishment meted out so soon? (CASTILLO, 1993, p.160-161)



pragmática, raciocinando sobre o fato contado. Sofia conclui: “Em outras palavras, ela não acreditava em La Llorona.” (CASTILLO, 1993, p.161 [tradução nossa])⁹.

Sofia, ou Sofi, sendo a mãe da família apresentada em *So far from God* (1993), reflete sobre La Llorona:

A mãe de sua mãe era do velho México e Sofi sabia um pouco da antiguidade dessa história, mas principalmente ela sabia o que o pai havia lhe dito, que La Llorona era uma mulher má que havia deixado o marido e a casa, afogou seus bebês. fugir e ter uma vida pecaminosa, e Deus a puniu pela eternidade, e ela se recusou a repetir esse pesadelo para suas filhas.

Sofia não deixou seus filhos, muito menos os afogou para fugir com ninguém. Pelo contrário, ela foi deixada para criá-los sozinha. E durante toda a sua vida, sempre houve pelo menos uma mulher como ela, deixada sozinha, abandonada, divorciada ou viúva, para criar seus filhos, e nenhuma delas jamais tentou matar seus bebês.

Claro, ela ouviu algo assim uma vez, no jornal ou talvez estivesse no rádio, e para não desculpar uma mulher assim, a mãe era apenas humana e alguém é capaz em algum momento quando é empurrado para um canto. como um rato para devorar seus bebês, a fim de salvá-los, por assim dizer.” (CASTILLO, 1993, p.161-162 [tradução nossa])¹⁰

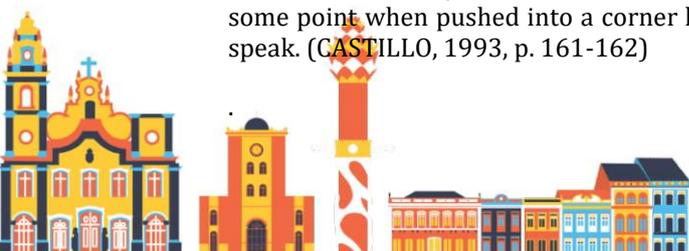
Percebe-se que Sofia escolheu não transmitir o mito de La Llorona para suas filhas após refletir sobre ele de forma prática, balanceada e identitária ao associar a imagem descrita de La Llorona com a realidade de tantas mulheres presentes na sua cultura, na qual raras seriam as que haviam enveredado pela atitude de La Llorona. No entanto, na obra, La Llorona, em forma espectral, aparece para uma das filhas de Sofia com a notícia de que outra filha de Sofia havia morrido. Desse modo, ao ser colocada como mensageira da desdita de uma mulher para sua família composta inteiramente por mulheres (haja vista o esposo de Sofia e pai de suas filhas ter abandonado a família), a figura de La Llorona aparece como uma imagem que conecta as mulheres chicanas, fortalecendo o seu vínculo.

⁹ She didn't believe in La Llorona, in other words. (CASTILLO, 1993, p.161)

¹⁰ Her mother's mother had been from old Mexico and Sofi knew a little about the antiquity of this tale, but mostly she just knew what her father had told her, that La Llorona was a bad woman who had left her husband and home, drowned her babies to run off and have a sinful life, and God punished her for eternity, and she refused to repeat this nightmare to her daughters.

Sofia had not left her children, much less drowned them to run off with nobody. On the contrary, she had been left to raise them by herself. And all her life, there had always been at least one woman around like her, left alone, abandoned, divorced, or widowed, to raise her children, and none of them had ever tried to kill their babies.

Sure, she did hear of something like that once, in the newspaper or maybe it was on the radio, and not to make any excuse for such a woman, the mother was only human and anyone is capable at some point when pushed into a corner like a rat to devour her babies in order to save them, so to speak. (CASTILLO, 1993, p. 161-162)



Desse modo, constatamos que Ana Castillo utiliza da Xicanisma não para destruir as tradições herdadas, mas voltando seu olhar não apenas para as gerações passadas, e sim também para a próxima geração de mulheres chicanas, as futuras herdeiras da tradição que ela tenta balancear, sendo, para isso, crucial a desconstrução de certos estereótipos que polarizam a imagem da mulher chicana. Castillo, então, não reinventa La Llorona, mas a ressignifica através do pragmatismo, do equilíbrio e da autoidentidade, ou seja, através de sua Xicanisma.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, A. *So far from God*. Nova York: Norton Paperback, 2005 [1993].

CASTILLO, A. **Massacre of the dreamers**. Essays on Xicanisma - 20th anniversary updated edition. University of Mexico Press: Albuquerque, 2014.

HORCASITAS, F; BUTTEWORTH, D. La Llorona. Tlalocan. Revista de fuentes para el conocimiento de las culturas indígenas de México. Cidade do México, v. 4, n. 3, p. 204-224, 1963. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/tlalocan/index.php/tl/article/view/327/325> Acesso em: 27 de set. 2020.

IÑIGUEZ, C. La Llorona, la Malinche y la mujer chicana de hoy. Cuendo ceda el llanto. Acciones e Investigaciones Sociales. Zaragoza, n. 24, p. 151-172. Disponível em: <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/ais/article/view/319> Acesso em: 27 de set. 2020

KEARNEY, M. La Llorona as a social symbol. Western Folklore. California, v. 28, n.3, p. 199-206, 1969. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/1499265?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents Acesso em 27 de set. 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2010

PATAI, R. **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

TAPIA, S; ARGELLES, G. La Llorona: análisis literário-simbólico. In: Congreso Internacional de literatura fantástica y ciencia ficción, 1, 2008, Madrid: Asociación Cultural Xatafi: Universidad Carlos III de Madrid, 2009, p. 306-318. Disponível em: https://www.academia.edu/32782241/La_Llorona_an%C3%A1lisis_literario_simb%C3%B3lico Acesso em: 27 de set. 2020

